

Sermão sobre Jó 10.16,17*

João Calvino[†]

Este sermão ainda é sobre os versículos 14 e 15, e também sobre o texto abaixo:

Pois ela cresce. Tu me caças como um leão, e novamente exhibe maravilhas contra mim. Tu renovas tuas testemunhas contra mim, e multiplicas tua cólera contra mim, males e lutas se sucedem contra mim.

Vimos ontem como somos por Deus conservados no estado em que ele nos pôs; e não lhe é bastante ter-nos criado de uma vez, ter-nos dado vigor; mas isso tem que continuar. Ora, se tal deve ser reconhecido quanto à vida presente, com muito maior razão Deus deve receber o louvor por lhe aprazer nos renovar por sua infinita bondade, renovando sua imagem em nós e nos conduzindo, por assim dizer, por sua mão, até que hajamos cumprido a nossa carreira. Pois lhe convém operar com um poder maior nisso do que o faz na ordem da natureza. Aprendamos então a exaltar as graças de Deus da maneira como a sentimos. Além do que, atentemos bem para o fato de que, se Jó, havendo sentido que Deus lhe tinha aumentado tanto os bens, não deixou de ficar angustiado, de forma tal que é constrangido a mostrar paixões excessivas, muito mais deve o mesmo acontecer conosco se não houvermos meditado da forma conveniente na bondade de Deus e nas graças que ele diariamente nos distribui. Porque este é o verdadeiro remédio que declaramos acima para suavizar todos os nossos males: sentir o quanto Deus nos é liberal e quais as riquezas da bondade que ele estende sobre nós. Quando houvermos conhecido isto completamente, será o suficiente para remediar todas as tentações, de tal modo que poderemos criar coragem para o invocar até quando estivermos quase no inferno. Sim, Jó tinha bom conhecimento dessas coisas, contudo, a aflição é tão grande e horrível que logra vantagem em dominá-lo. Pensemos muito em nós, pois, e reparemos que Deus punirá nossa ingratidão se não houvermos aceitado o bem que ele efetua para nós todos os dias: e que não se fará necessário grande aflição para nos abater; porém, assim que tivermos sentido algum pequeno sofrimento, ficaremos abalados. Sendo assim, vamos ao que Jó acrescenta: *Se eu pequei, tu me aprisionarás*, diz ele, *e não me deixarás ir impune*. Como se dissesse: Senhor, tu me deixarás como que sem forças. Pois ele opõe a prisão a uma punição repentina que Deus poderia realizar, e essa lhe seria mais fácil de sofrer; sim, segundo lhe parece. Sabemos que os males presentes nos são dolorosos de suportar: o que suporta grande frio gostaria de ficar queimado de calor, e se está com calor, deseja o frio extremo. Dessarte Jó,

* Trecho retirado e traduzido do original francês *Sermons sur le Livre de Iob*, do mesmo autor. (N. do T.)

† Um dos principais nomes da Reforma Protestante, João Calvino (1509-1564) nasceu em Noyon (França). Tendo em comum com o alemão Martinho Lutero o fato de também ter sido seminarista na juventude, deu prosseguimento à obra desse, ensinando a doutrina e a aplicação da justificação pela fé somente em Cristo, como revelada nas Escrituras Sagradas, empenhando-se em aplicar o ensino bíblico a todas as áreas da vida; não obstante, o sistema teológico chamado calvinismo é mais estruturado que o luteranismo. Calvino estabeleceu-se em Genebra (Suíça), já que na França do rei Francisco I não eram tolerados não-católicos. A igreja que ele pastoreava ali veio a se tornar um centro da Reforma, a ponto de John Knox dizer que ela foi “a mais perfeita escola de Cristo desde os dias dos apóstolos”. Os Sermões sobre Jó, os Comentários da Bíblia e as Institutas constituem o grande monumento do seu pensamento teológico. (N. do T.)

estando tão violentamente oprimido pela mão divina, dando-lhe a impressão de que não havia para ele nenhuma esperança de salvação, gostaria muito que Deus o tivesse feito perecer, e que não mais languescesse: como um pobre criminoso que já sente a condenação, vendo que não pode escapar e, sem embargo, deixam-no assim, renovando de fato sobre ele os seus males, colocando-o em tortura, parecendo-lhe que a cada dia se quer fazer novos processos. Jó, estando então em semelhante estado, queixa-se de que Deus o persegue, e que o deveria tirar deste mundo logo de vez. Por meio disso somos admoestados que, caso Deus não modere suas vergastadas quando nos quer corrigir por nossas faltas, ou então quando quer por à prova a nossa paciência, ficamos de tal modo abatidos que, em vez de extrair benefício debaixo das correções dele, outra coisa não fazemos que não esbravejar, e nada haverá em nós que não perturbações e rebeliões. Jó foi paciente, não obstante, não deixou de fazer grande bulha, como se quisesse atrevidamente responder a Deus quando o encontrasse. Ora, a sua debilidade o impeliaria a isso se Deus não o houvesse conservado pela graça de seu Espírito Santo. Visto ser assim, então, observemos que temos assunto para orar a Deus quando ele nos quiser castigar, ou então experimentar a nossa paciência, que agrada a ele usar uma doçura tal para conosco, que saibamos, principalmente, reconhecer a sua mão e dela extrairmos proveito, e que não sejamos arrebatados por nossas paixões demasiado excessivas. Ademais, ainda que Deus permita que sejamos agitados para lá e para cá e que nossa carne nos arrebate, todavia, ele virá ao nosso encontro para nos ajudar: não resistamos nem demos rédeas às nossas afeições. Enquanto isso, não percamos coragem quando sentirmos em nós problemas tais que nos dêem a impressão que estamos em briga com Deus, que será impossível voltar a ele e nos colocar sob à obediência a ele. Vemos o que sobreveio a Jó: invoquemos, pois, quem nos pode colocar de novo para cima quando estivermos abatidos. Isso é o que temos que notar nessa passagem.

Vamos agora ao principal. *Se sou perverso (diz Jó), caia desgraça sobre mim; se sou justo, todavia, não levantarei a cabeça, vendo minha aflição e estando farto de opróbrios.* Jó prossegue aqui com as palavras que já expomos acima. Pois ele pondera que, se é perverso, a Lei de Deus o condena; se é justo, há ainda uma justiça superior, na qual ele continuará confundido. Isso é uma coisa que não é assaz conhecida, e que não nos deve surpreender. Pois, apesar de Deus nos haver declarado em sua Lei que todos nós estamos condenados e de isso estar manifesto, com dificuldade se achará um em cem que chegue a esse ponto. Por quê? Porque a hipocrisia nos impede e nos venda os olhos, sim, cega-nos de todo, de tal maneira que não conhecemos o que nos deveria ser inteiramente notório e familiar. Vede São Paulo confessando que, conquanto houvesse sido ensinado desde a infância na Lei de Deus e tenha integrado as fileiras e a companhia dos doutores com grande reputação, não havia entendido o que a Lei de Deus queria dizer, e se lisonjeava, estando inflado de orgulho e cuidando ser justo. Diz ele (Rm 7.9): Eu vivia como justo, isto é, pensava ser justo diante de Deus e que esse se agradava de meus méritos. Por quê? Porque esta virtude não havia entrado em seu coração para dizer que Deus nos deu sua Lei, na qual queria que cada um se mirasse, e que sabemos que não há senão iniquidade em nós, e que nela ficamos confundidos. São Paulo não tinha chegado até esse ponto. Se um homem que foi ensinado na Lei de Deus e que era mesmo irrepreensível ficou, todavia, fascinado pelo orgulho, o que será de nós? O que será dos que não se importam em pensar sobre Deus nem na palavra deste, os quais estão impregnados de vícios e levam uma vida dissoluta, ou então dos que se glorificam sem saber o porquê? Como vemos hoje esses monges e hipócritas, bem como toda essa padralhada do Papado e esses beatos e essas beatas com suas belas devoções; entretanto, uns são lascivos, outros, bêbedos e aqueles outros cheios de crueldade, traição e inveja. Assim, pois, não deixam de se reputer justos, possuindo seus méritos em

abundância para repartir com os outros. Não devemos então achá-lo estranho, considerando que São Paulo abusava disso. E por aí se vê como a hipocrisia é tão insuportável nos homens que se deve antes ficar espantado com a maneira com que Deus é tão paciente em as agüentar por tão longo tempo como o faz. Ora, se tal condenação que Deus nos declara em sua Lei nos for ignota, como aprenderemos uma justiça mais alta e mais estranha que essa? Quando nos é dito: Amarás a Deus de todo o teu coração, e de todo o teu conhecimento, e de todas as tuas forças, e ao teu próximo como a ti próprio, não há quem não confesse que é bastante razoável que observemos essa regra. Pois a natureza mesma nos ensina isto: que fomos criados para nutrir essa comunhão que Deus dispôs ao gênero humano.

Eis então as coisas que deveriam ser comuns até às criancinhas. Porém, ao compararmos a nossa vida com a que Deus ordenou em sua Lei, descobrimos que por ela todos são culpáveis; tanto não podemos cumprir tudo o que ele nos manda que sequer conseguimos alcançar o máximo de um único artigo dela, sim, nem mesmo pensar em executá-lo como deve ser. Pois não somos capazes de ter um único pensamento bom, diz São Paulo (2 Co 3.5), e temos demasiada experiência disso. Havendo feito essa comparação, não obstante, ainda permanecemos estúpidos. Quem é que, sentindo-se afligido por uma plaga mortal, diz: Ai de mim! Tenho que ir diante de Deus, é ele o meu Juiz, nada posso trazer senão uma confissão de que estou mais do que condenado diante dele? Quem é que pensa assim? Ninguém. Mesmo que os homens não tenham cometido nenhum ato que seja condenável, ou repreensível, não deixam de ser culpados quanto a isto que nos é dito: Não cobiçarás. Deus não nos proibiu apenas de ser assassinos, ladrões, libertinos, blasfemos e rebeldes contra a sua palavra, mas também de consentir com o mal. Qualquer um que lance algum olhar impudico, perante Deus é libertino; qualquer um que maldisser seu irmão, mesmo em oculto, é assassino; qualquer um que anela ter o bem alheio, embora não envide esforços nesse sentido, já é ladrão. E Deus não só proibiu a vontade de perpetrar o mal, mas vai mais além. Porque proibiu a concupiscência, a saber, quando formos provocados e incitados a algum mau desejo de satisfação, já viramos transgressores da Lei de Deus. Mas isso é mal conhecido pelos homens, como dissemos. Sendo assim, pois, que somos tão estúpidos que não olhamos a nós próprios, e a Lei nos é um espelho tão claro e evidente para nos contemplarmos, rogo-vos, quem é que pode se vangloriar de ser tão justo a ponto de poder cumprir tudo o que está na Lei e que Deus nos ordena? De modo que não se deve achar estranho que os homens não consigam cumprir o que está ali contido.

Ademais, para fazer bom proveito dessa doutrina, devemos levar à lembrança o que já declaramos, a saber, que a Lei de Deus nos é uma regra perfeita para viver bem e santamente; sim, ela o é para nós. Notemos então que a justiça que está contida na Lei com razão receberá o nome perfeita: sim, do ponto de vista dos homens, é dito isso em consonância com a capacidade e a medida deles. Porém, não é uma justiça que corresponda àquela de Deus, tampouco a iguala: fica muito aquém. Como? Os anjos conhecem isso melhor. Vede que eles não têm Lei escrita, mas se conformam à obediência de Deus. Eis porque dizemos em nossa oração: Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu. Pois não há como desmentir que Deus é ali obedecido plenamente, tem ele seu reino no céu. Pedimos então para sermos conformados aos anjos: e isso nos deve satisfazer bem, pois então teremos uma perfeição tal como a que deve haver nas criaturas. Sim, mas sabemos se os anjos têm uma justiça que possa se igualar à de Deus? Há uma distância tão grande quanto a do céu em relação à terra. A justiça dos anjos, ainda que aos olhos das criaturas seja perfeita, nada mais é senão fumaça quando se quer ir diante da majestade infinita de Deus. Notemos então que,

quando a Lei nos foi dada, foi ela uma boa e segura regra para bem viver: e quando pudermos fazer e cumprir o que nos está ordenado lá, então seremos tidos e reputados por justos perante Deus em toda perfeição, sim, mas ainda não seríamos justos a ponto de dizer que haja alguma dignidade em nós, pois não teríamos mérito algum diante dele. Por quê? Porque é de pura graça ele dizer que quem fizer essas coisas viverá por elas, visto que Deus poderia exigir de nós tudo o que lhe parecesse bom e, não obstante, jamais poderíamos dizer que não lhe somos devedores. Pois somos seus e, se não quiser, não aceitará o que lhe trouxermos, e apesar de o considerarmos tão incomparavelmente justo, de nos parecer que nada há de censurável, Deus, todavia, não condescenderá em vê-lo com bons olhos caso não queira, ou seja, a não ser que a sua pura graça e generosidade o mova a fazê-lo. Vemos agora, pois, como há uma justiça dupla em Deus: uma é aquela que nos é manifestada na Lei, aquela que contenta a Deus porque assim lhe apraz; e há uma outra justiça oculta e que ultrapassa a todos os sentidos, bem como a compreensão das criaturas. Subseqüentemente, Jó diz aqui: *Se eu for mau, ai de mim*. Por quê? Porque está dito: Maldito será o que não fizer todas as coisas que estão contidas neste livro; maldito será o que não adorar a Deus; maldito será o que violar os sábados; maldito será quem não honrar pai e mãe; maldito será o que subtrair ou tomar o que é do outro; maldito será o que matar ou ferir a seu próximo. E o povo todo tinha que responder: Amém (Dt 27). Isto é: somos teus quando confessamos aí que bem merecemos que Deus nos amaldiçoe e nos rejeite. Pois, embora a Lei possivelmente não estivesse escrita ao tempo de Jó (disso nada sabemos), já o testemunho dela estava gravado nos corações dos homens. Daí então dizer ele que desgraçado será se for achado mau, isto é, quando houver contrariado a vontade divina e tiver levado uma vida dissoluta.

Em segundo lugar, ele acrescenta: *Ainda que eu seja justo, não levantarei a cabeça*. Por quê? Porque, diz, *vejo minha aflição, estando farto de opróbrios*. Por meio disso ele quer dizer que, quando Deus aumenta a aflição que lhe envia, é por que tem ele direito soberano sobre os homens: e, por mais que sejam justos, ele pode, sem embargo, exercer um rigor sobre eles que se pode achar estranho. Mas, seja como for, os homens não ganharão coisa nenhuma em altivamente se amotinarem, bem poderão pleitear e alegar isso e aquilo; porém, que fiquem em confusão, e que Deus seja o senhor. Por este motivo Jó diz que não levantará a cabeça, ainda que seja achado justo. Ora, pode-se levantar aqui uma questão: como que Jó concebia que fosse achado justo? Porque é impossível, ele se conhecia mal se queria atribuir a si uma perfeição que fosse um cumprimento verdadeiro da Lei de Deus. Por quê? Porque, como já dissemos, enquanto os homens continuam em sua natureza, longe estão de cumprirem suas obrigações para com Deus, ou uma parte delas: não se encontra neles nada que não rebelião; como São Paulo diz (Rm 8.7), as afeições de nossa carne são inimidade contra Deus. Seguiremos então a nossa natureza? Nós caminhamos de maneira totalmente contrária à vontade divina, não temos um só pensamento que não seja mal e condenável. Assim, enquanto Deus não nos tiver estendido a mão, nunca viremos a ele. Mas ele já começou a nos dar essa graça? Sim, mas parcialmente: embora seja verdade que aspiramos a ele – dado que nos atrai para si e nos guia – contudo, não vamos a ele como o requerido. Pois temos alguma boa afeição, só que ela é débil: claudicamos e damos muitos passos em falso, tropeçamos e sempre nos extraviamos do reto caminho. Eis então em que estado os homens estão. Vamos agora ao mais alto grau dessa justiça. Tomemos Abraão ou os santos Pais que caminharam em tal perfeição que eram como anjos: pelo que conhecemos, qual deles cumpriu a Lei? Nenhum. Não há ninguém que não se encontre culpável quando sua vida for examinada diante de Deus. Então, como é que Jó diz aqui que, se for justo, todavia, não levantará a cabeça? É verdade que Deus

reputa por justos os que não o são, ou seja, quando ele nos tiver dado a graça de caminhar consoante a vontade dele, conquanto haja vícios em nós, não olhando então para eles e não querendo ser rigoroso para conosco. Mesmo que não tenhamos feito o nosso dever cabal e totalmente, ele não nos rejeita, mas nos atura em nossa fraqueza, aprovando o que não é bom em nós, mas tendo-o por bom.

Vede, pois, como Deus procede para com os seus fiéis. Porém, Jó falou aqui de algo impossível, como se dissesse: É verdade que não sou tão justo a ponto de vir me apresentar perante Deus falando: Façamos um relatório, e que minha vida passe por dura prova, e se descobrirá que em nada tenho ofendido, e que não devo um mínimo que seja. Isso seria impossível; mas, ainda que eu haja cumprido a Lei, não ousarei levantar a cabeça. Por quê? *Vejo aqui minha aflição, estou farto de vitupérios*; como se dissesse: Deus exerce tal domínio sobre mim que não sei o que fazer. Se replicar, nada ganharei. Nisso Jó mostra sua paixão, pois ele devia confessar: Bem, Deus é justo, e não somente sua Lei me serve de rédea, mas sei que há uma justiça mais alta, que nos é conhecida por sua vontade e pelo testemunho que nos dá do bem e do mal para conduzir nossa vida. Conheço, pois, que Deus tem uma justiça mais alta que essa: dessa maneira, devo me humilhar debaixo dela. Jó devia falar assim, porém, demonstra que é quase por constrangimento que sabe que existe uma justiça em Deus mais alta que a da Lei. Pois diz: Vejo a minha aflição, estou farto de opróbrios; portanto, não proferirei uma palavra. Se isto adveio a um tal personagem, o que será de nós? Exercitemo-nos então para bem considerar a verdadeira justiça divina, a qual nos é incompreensível, e que o adoremos em todos os seus segredos: que não concebamos o que está nele segundo nosso sentido, pois percebemos a nossa pequenez. Em suma, o que nós devemos fazer? É verdade que, para condenar a todos nós, não devemos chegar ao ponto de dizer que Deus possui uma justiça incompreensível às criaturas, a qual o sentido humano não pode alcançar. Não precisamos chegar a isso para sermos condenados, visto que a Lei é o bastante, como eu já provei. Sempre então que um homem orgulhar-se de poder se manter diante de Deus em suas próprias obras, que reflita bem sobre sua vida, e que atente à Lei de Deus. Pois não cabe a nós o dizer se somos justos por assim parecer, por se achar que somos os tais que estão aprovados é questão de dizer. Nada disso: mas que o exame seja feito conforme a Lei de Deus. Se o mundo inteiro nos houver canonizado, todavia, não teremos ganho coisa alguma se o Juiz celeste nos condenar. Porque Deus não deseja que vamos a parte alguma que não à sua Lei, ele não quer rebaixá-la de jeito nenhum. Dessarte, sempre que somos tentados, ou pelo orgulho, ou pela hipocrisia, pensamos no que a Lei nos diz, e descobrimos em nós uma confusão tal e tão terrível que nada nos resta senão a morte eterna.

Vede como devemos praticar essa doutrina. Ai de nós se formos maus! Pois então não precisaremos ir ao segundo ponto – que, ainda que sejamos justos, não ousaremos erguer a cabeça. Por quê? Porque, onde se encontrará alguém que seja justo? Outrossim, atentemos bem que, se formos justos, isto é, se não formos maus e irrefreados de todo, toda a justiça que houver em nós é uma aceitação gratuita e liberal. Mas como? É verdade que os fiéis são chamados justos, não somente por Deus lhes perdoar as faltas, recebendo-os misericordiosamente, mas também por a vida deles lhe ser agradável. Diz-se que Simeão foi um homem justo (Lc 2.25), e que Zacarias e Isabel, mulher desse, também eram justos (Lc 1.6). Por quê? Porque caminharam em conformidade com a Lei de Deus e seus mandamentos. Isso também é dito dos santos Patriarcas (Gn 6.9). Sim, mas notemos que isso se dá por Deus os haver recebido por sua bondade gratuita, não lhes imputando os pecados. Quando dizemos que os homens são justificados pela fé é por Deus perdoar as faltas deles e as tirar no nome de nosso

Senhor Jesus Cristo. Assim se deve entender que somos justos em nossas obras: é porque Deus nos aceita. Pois nossas obras merecem ser sempre rejeitadas por ele. Não falo das obras que os homens fazem de sua própria virtude, pois nada há nelas que não seja vilania e rebelião. Porém, quando um homem é governado pelo Espírito de Deus e caminha nas boas obras pela graça deste, todas as boas obras que faz são imperfeitas, e Deus as pode repudiar: mui longe de existir nelas dignidade ou mérito (como imaginam os papistas), nada há senão corrupção. Sim, mas Deus as recebe: todavia, é como um pai recebe o que provém de seu filho, mesmo que não valha nada. Dessa maneira, então, se formos justos, ou seja, embora tenhamos alguma aparência de justiça, observemos que essa não é reputada mérito diante de Deus. Por quê? Porque está escrito: Maldito o que não cumprir todas estas coisas (Dt 7.26). Ora, não há ninguém que cumpra uma só delas: digo, cumprir com uma afeição pura e íntegra. Segue-se então que Deus pode nos condenar todos. Assim, devemos baixar a cabeça, sim, e sem ultrapassar os limites da Lei; contudo, essa coisa nenhuma é quando chegamos até essa justiça divina que nos é incompreensível. Peguemos o caso de um homem que, por si próprio, cumpre seus deveres: o que será dele? Pode ele ainda pleitear contra Deus? Não: ele forçosamente ficará aquém das exigências. Por quê? Porque Deus não nos deve nada. Sim, mas ele prometeu que quem fizesse essas coisas viveria por elas (Lv 18.5). Certamente; mas sabemos que ele prometeu essa liberalidade. Vemos o que nos disse nosso Senhor Jesus Cristo (Lc 17.7): Quando um servo tiver feito para o seu amo tudo o que pode – ele fala dos servos que existiam em sua época, ou seja, escravos, que estavam em servidão e eram vendidos e trocados – e depois, tendo feito todo o possível por seu senhor, achará ele que seu mestre se levantará da mesa, para dizer: eu que vou te servir agora? Nada disso, já que é o mister do servo servir a seu amo, não o amo se submeter ao servo, nem estar obrigado em coisa alguma para com esse. Dessa forma, diz ele, quando houverdes feito tudo o que vos é ordenado, saibais que ainda sois servos inúteis. Mas Jesus Cristo, ao falar assim, não queria dizer que se possa encontrar um mortal que haja realizado tudo o que Deus manda, mas ele toma o caso como se assim fosse. Devemos agir daquele modo. Tomemos o caso de um homem que tenha observado a Lei. Ele deve adorar a Deus com toda a humildade, dizendo: Ai de mim, Senhor! Quero me submeter sob a tua mão, conhecendo bem que tudo que fiz é de ti, pois de mim não pode sair uma única gota de bem. E, embora tu me aceites, isso não se dá por eu ser digno ou por possuir mérito: é por tua pura prodigalidade. Vede como temos que proceder. Ademais, guardemo-nos dessa paixão excessiva que esteve em Jó. Devemos apreender bem essa justiça soberana de Deus da forma que eu falei; mas é para que sejamos ainda mais induzidos à humildade, não dizendo: Se sou justo, todavia, não erguerei a cabeça, vendo minha aflição. Pois é certo que Deus manterá o que nos prometeu; sim, quando ele disse: Quem fizer tais coisas viverá por elas. Decerto, caso sejamos tão aptos que consigamos cumprir toda a Lei, sabemos que Deus tem a sua recompensa pronta para com ela nos galardoar. Portanto, não devemos dizer como Jó: que, ao vermos nosso opróbrio, ao vermos que ele nos aflige, ficamos confusos diante de um poder que nos é desconhecido. E, apesar de ele passar da medida, não ousaremos murmurar ao encontrá-lo, porque não ganharíamos coisa alguma. Não, não cheguemos a tal ponto, mas saibamos que Deus nunca aflige os seus senão por uma justa razão, sim, embora olhe para os seus pecados como Jó, este seguramente não era afligido como um ímpio. Deus de veras tinha justa causa para o punir cem vezes mais: mas aquele não o olhava assim nem tinha aquela pretensão. O que era, então? Ele queria provar a sua paciência; queria acabar com essa calúnia de Satanás, o qual disse que Jó obedecia a Deus por estar na prosperidade: esse, pois, queria provar o contrário. Dessarte, aprendamos, quando falarmos da justiça soberana de Deus, a não falar cuidando que ele nos oprime além do

limite, levantando-nos contra ele como que pela força: mas que o seja para o adorar em seus arcanos admiráveis: sim, de tal forma que sempre tenhamos em nós esta resolução – Ai! Não devo alegar que, se sou justo, todavia, não ousarei erguer a cabeça; porquanto teríamos que ficar de cabeça baixa continuamente. Por quê? Porque, embora Deus não se coloque em seu trono para nos condenar, temos o nosso eu dentro de nós. Não tem cada um condição de se condenar? Não tem cada um a faculdade da razão para sentir que é mais do que culpável? Observemos então que não é necessária outra condenação para nós que não a que está contida na Lei, com a qual tanto pequenos quanto grandes devem estar familiarizados.

E, depois de Jó haver falado assim, adiciona que *bem que gostaria que seu mal crescesse*. Sim, mas e daí? *Ainda que ele cresça*, diz, *tu virás a mim como um leão e mostrar-te-ás maravilhoso contra mim*. Jó aqui trata, como antes, desses juízos secretos de Deus, os quais o homem não consegue compreender: e o motivo é por eles ultrapassarem seu conhecimento e seu intelecto. Eis a razão por que ele o chama Deus Maravilhoso. É fato que achamos sempre a Lei de Deus estranha, pois que ela nos desperta para além de nossa imaginação. E vemos também que os mais sábios, quando falam de integridade e perfeição, ficam aquém do rigor da Lei divina. Desse modo, quando Deus nos ensina através de sua palavra, isso se dá acima de nossa capacidade. Porém, uma vez que tivermos sido ensinados, conhecendo como tal acontece, seremos convencidos de que é assim. Se Deus tiver afrouxado a rédea sobre o nosso pescoço, não havendo nós estado em sua escola para aprender da Lei, a qual é a vontade dele, ficaremos como os animais irracionais nesse sentido. Mas, ao sabermos que temos que amar a Deus de todo o coração, de todo o conhecimento e de todas as forças e a amar o próximo como a nós mesmo, então percebemos que Deus nada exige senão o que lhe devemos. Por quê? Porque somos dele e não possuímos coisa alguma que não hajamos recebido dele. Vede, digo eu, como não acharemos nada disso estranho quando o houvermos relacionado todo com a palavra de Deus; dessa forma, constataremos que há razão e equidade em tudo o que ele faz. Contudo, quando chegamos a essa justiça desconhecida, dizendo que, embora a tenhamos cumprido toda, coisa nenhuma teremos obrado no tocante a essa justiça divina, esta se nos torna mais estranha ainda, de sorte que não sabemos o que dizer, pois todos os nossos sentidos desfalecem e ficam deslumbrados diante disso. Isso é o que Jó queria dizer com *tu te mostrarás maravilhoso contra mim*.

Ora, ainda que Deus seja maravilhoso em seus admiráveis juízos, os fiéis devem aprender a não achar isso estranho. Como assim? Peguemos o exemplo da eleição de Deus, em sua providência e em tudo que ele realiza e que está acima de nossa compreensão. Porque essa é uma parte dos segredos que nos são como um abismo. Deus elege os homens que quer conduzir à salvação e reprova os outros. Ele nos acha todos semelhantes, de tal modo que ninguém pode se jactar de ser melhor que seus próximos. Porque, então, somos separados dessa forma? Se dizemos que Deus escolhe uns para os fazer herdeiros de seu reino e reprova outros, fazendo-os ir para a destruição, então, qual o porquê disso senão a vontade dele? Logo de cara achamos isso extremamente estranho. Mas como? Somos todos criaturas de Deus, nada há diferença alguma entre nós para que um esteja mais à frente que o outro: todavia, Deus tem compaixão dos que lhe parecem bons, e os outros são deixados por ele? Há razão para isso? Eis, pois, como os homens são incitados a murmurar contra Deus. Porém, isso necessariamente nos é admirável: pois, se não o fosse, teríamos sempre nossos espíritos enredados em muitas questões e, no final, vomitaríamos blasfêmias, tal como vemos esses rebeldes que sempre pleiteiam e fazem seus discursos fantásticos; porque Deus

não trabalha do jeito deles, querem condená-lo. Essa eleição divina, então, quando dela falamos, necessariamente nos é um ato maravilhoso, e ficamos pasmos diante dela. Para quê? Para que sejamos induzidos a adorá-lo, dizendo: Ai de nós, Senhor! Não podemos alcançar arcanos tão altos e entrar em teu secreto conselho para saber o que ali está encerrado; porém, devemos adorar o que nos é ora ignoto. Temos então que confessar que tu és justo e bom: mesmo que à razão não nos esteja patente. Quando ali houvermos ido, então não teremos uma imprudência frívola para julgar os segredos divinos consoante a nossa noção, mas procederemos como vemos os fiéis de todos os tempos procederem. Verdadeiramente, quando eles disputam sobre a eleição de Deus, é com sobriedade e modéstia, exclamando com São Paulo (Rm 11.33): Ó, quão admiráveis são os teus juízos! Ficam extasiados diante disso, não perquirem com sutileza sobre isso ou aquilo: sabem disto. Entendemos agora em parte o que Deus faz, mas esperando o dia em que tudo nos será revelado. Vede como os fiéis sempre arrazoaram sobre a eleição, não se perdendo em inquirir sobre as coisas com sutilezas. Deveras acharam-na estranha, era-lhes admirável; todavia, agiram assim para dar a Deus a honra que a ele pertence, conhecendo que suas obras são elevadas demais para se presumir poder atingir a sua altura. E nisso permaneceram quietos, estando enlevados de admiração; tais atos divinos lhes eram admiráveis, porque sabiam que há ali arcanos que excedem toda a capacidade de entendimento humano. E também lhes eram admiráveis porquanto em sua eleição conheceram a bondade e a misericórdia de Deus, na qual este os escolheu para a salvação, chamando-os para si e reprovando os outros. Eis o que vemos na eleição de Deus e, igualmente, em sua providência. Está dito que ele dispõe todas as coisas neste mundo. É possível, pois, que as guerras, quando vêm, sejam açuladas por Deus? Que Deus conduz os que são agitados de paixões furiosas, tal como vemos nos príncipes cheios de ambição, avareza, que derramam sangue, pilham, roubam, de tal maneira que há uma confusão infernal, e os que os servem nisso não têm consciência nem escrúpulo algum para matar, estuprar e pilhar? Vede então que os homens são como bestas selvagens, e até piores. E Deus usa tais instrumentos? Como é possível? Outra vez vemos que a Igreja mesma é atormentada: vede as perseguições que surgem – quem é que as suscita? Outra vez vemos que a doutrina do Evangelho está, por assim dizer, arruinada pela tirania dos maus, e que as mentiras reinam no lugar da verdade. E quem é que causa semelhantes dissabores? Trata-se de uma justa vingança de Deus. Não percebemos o porquê, não percebemos de que jeito e de que maneira ela opera, mas devemos perceber a sua mão pela fé. Isso nos é estranho, e assim tem que ser, para que fiquemos humilhados. Mas, quando tivermos sido instruídos na palavra de Deus, ainda que não conheçamos qual a razão de suas obras, que tenhamos o costume de exaltá-lo, sabendo que ele coisa alguma faz que não seja sem justa causa.

Vede então como devemos por em prática essa passagem, na parte onde se diz: *Tu te mostrarás maravilhoso contra mim*. Contudo, Jó excedeu a medida; demonstra aqui, com certeza, que era tentado por uma enorme paixão. Pois ele diz: Tu te mostrarás maravilhoso; pelo que declara e confessa que, de sua parte, estava totalmente consternado, achando estranho que Deus o afligisse assim. Porém, acautelemo-nos para que ele não nos seja maravilhoso dessa forma. É verdade que, quando percebemos as maravilhas e segredos de Deus, podemos ficar tão assombrados que diremos: Ai de mim, Senhor! Vemos a nossa debilidade e rudeza, a ponto de acharmos estranhas as obras de tuas mãos. Para que são elas? Mas tu nos esclarecerá pouco a pouco, até que adentremos o teu Santuário.¹ Nós já temos um pé lá: é fato que estamos no átrio, vemos-te de longe; mas tu nos darás um conhecimento mais familiar. Portanto, não nos

1

Cf. Sl 73.16,17. (N. do T.)

é mal que Deus assim possua seus arcanos, os quais ultrapassam o nosso espírito. Todavia, isso nos espanta: pois pode-se objetar: como assim? Todo nosso bem-estar e felicidade não consiste em conhecer nosso Deus e conhecer a sua vontade? Sim, verdade, mas até onde nos é conveniente. Reparemos, porém, que Deus nos deu um modo de conhecê-lo que nos é apropriado e adequado. Ele bem podia dar a nós hoje uma claridade plena e perfeita: mas percebe que isso não nos seria útil. Por conseguinte, dá-nos apenas uma certa porção dela, acomodando-se a nós. Desse modo, não nos entristecemos por ter agora tal conhecimento de Deus por medida, tal como nos é fornecido nas Escrituras, aguardando que ele nos despoje desse corpo mortal, que tenha mesmo totalmente reformado as nossas almas para que não mais estejam assim envolvidas do que é do homem, da terra e também dos vícios existentes oriundos do pecado de Adão.

Agora Jó, rapidamente concluindo, declara em que Deus se mostrou maravilhoso contra ele; a saber, *porque ele renovará suas pragas e chegará à mudança*. Realmente a palavra hebraica para pragas igualmente significa testemunho,² e não sem razão. Pois as pragas que Deus envia aos homens são, por assim dizer, os testemunhos produzidos contra eles, são como os exames que aquele faz para trazer as coisas ao conhecimento. Contudo, Jó fala aqui de pragas querendo dizer com isso os castigos visíveis que Deus já lhe tinha enviado. Ele fala, então, que esses eram renovados, de maneira que novos castigos vinham sobre si. Isso também é digno de se observar. Pois, embora achemos as obras de Deus estranhas segundo o nosso entendimento, não obstante, não há impedimento mais difícil para se conhecer a justiça divina do que essa tentação. Essa, digo eu, é a coisa em que os homens mais se encontram tolhidos. É fato que, sempre que se nos apresenta um ponto das Sagradas Escrituras que não seja do nosso gosto, ficamos aborrecidos: imediatamente nos vemos redargüindo a Deus. Todavia, demonstramos a nossa rebeldia sobretudo quando somos afligidos e espancados pela mão divina e não somos capazes de chegar ao ponto de confessar que Deus é justo em todos os seus caminhos. Isso, digo eu, é algo com o qual não podemos concordar. Sendo assim, vemos o porquê de Jó, havendo falado das maravilhas divinas, adicionar: *Tu duplicas tuas pragas contra mim*. Mas, visto que hoje não dá para discorrer sobre essa doutrina detalhadamente, notemos que coisa alguma nos resta senão recorrer a Deus, orando para que ele nos dê um apreço tal por sua palavra que recebamos mansamente tudo o que lá está contido. Entretanto, quando lhe aprazer usar de rigor contra nós, oremos para que ele modere de tal forma suas vergastadas para que, mesmo que no-las faça sentir, não deixemos de recorrer a ele como nosso Pai, a fim de que sempre nos receba como filhos seus.

Agora prostrar-nos-emos diante da face do nosso bom Deus...

Tradução de Vanderson Moura da Silva.

2 Em hebraico, *ud*. Uma diferença muito sutil de vocalização é que determina o real sentido deste termo. (N. do T.)